

O que pesa no Norte



O que pesa no Norte

TIAGO GERMANO



*Para meus pais,
Beto e Sinha*



*Pois o que pesa no Norte,
pela lei da gravidade —
disso Newton já sabia! —,
cai no Sul, grande cidade.*

(Fotografia 3x4, *Belchior*)



1.

COMO SE FOSSE UM POEMA, a morte chegaria pelo interurbano em longas espirais metálicas, mas todo o resto não fugiria ao seu velho e conhecido clichê. A madrugada flagraria Ricardo com os pés descalços, perambulando pela casa depois que Ana acordasse de mais um pesadelo com o filho. Atenderiam o telefone, e não precisariam interpretar o silêncio do outro lado da linha para adivinhar a má notícia. Ela já teria despertado o casal incontáveis vezes ao longo das semanas, nos cinco anos de vida nômade em que Guilherme morou sozinho, longe dos pais, em cidades distantes e apartamentos diferentes que ninguém da família jamais havia visitado porque ninguém nunca soubera dos endereços. Ela já estaria anunciada na palidez de Ana, na magreza excessiva, nos vincos das rugas que se formavam no rosto e desenhavam os contornos da tragédia. Ela já estaria escrita na própria espiral do telefone, que insistia em se enrolar como uma pequena jiboia e devorar as noites insones daquela mãe, plantada no sofá ou na cama, brigando com os sintomas do Transtorno e esperando pela ligação. Ela já teria gritado como Ana certamente faria, de dentro do quarto, ouvindo pela extensão o marido repetir em eco a frase que tantas vezes se condenava a repetir para si mesmo em silêncio, calando os impropérios que turvavam a lembrança do filho. “Ele morreu. Guilherme está morto.”

Precisavam estar preparados para o pior, era o que tentavam se convencer a cada noite que passava e a ligação, essa que poria fim aos cinco anos de incertezas apenas para inaugurar uma outra época de novos sofrimentos, parecia muito mais provável de acordá-los que as chamadas melancólicas que o filho fazia para a mãe de madrugada. Ana agora era obrigada a confessar: conversava com o filho à revelia de Ricardo, breves contatos telefônicos que foram interrompidos de súbito há alguns meses, sem nenhuma justificativa. Era tentador pensar que tais contatos logo seriam retomados da mesma forma que começaram, há cerca de um ano, quando as coisas pareciam realmente ter melhorado para Guilherme e ele decidira se fixar de vez em São Paulo. Tentava se encontrar fazendo enfim o que gostava: teatro. E quem sabe ficaria mesmo para sempre ali, vai saber, ninguém é dono do próprio destino — foram essas as últimas

palavras antes da chamada que, na verdade, os surpreendeu não de madrugada, como esperavam, mas no fim de uma tarde cinzenta em que ambos saíram mais cedo do trabalho e foram direto para casa.

Como de costume naqueles dias, encontraram a casa vazia porque Gustavo, o filho mais novo, ainda não voltara da universidade. Deixara um pedaço de papel na mesa da sala. Um bilhete dizendo que iria chegar mais tarde e que portanto não o esperassem para o jantar. Nas últimas semanas, bilhetes como aquele apareciam debaixo do arranjo de flores, presos aos ímãs da geladeira, colados com fita adesiva na porta do quarto. Era como se Gustavo precisasse lembrar aos pais de que havia outro filho em suas vidas e que esse, diferente de Guilherme, ainda morava ali sob o mesmo teto. E nunca seria capaz de abandoná-los.

O toque do telefone alcança Ana na cozinha, passando o café, e Ricardo no banheiro, apenas começando o ritual que passa a cumprir sempre que chega em casa e vem demorando cada vez mais, à medida que os anos passam. Ricardo desconhece sua imagem ao espelho, com a porta trancada atrás dele para que a mulher não o flagre usando o xampu com que vem escurecendo os cabelos, a tesoura que corta os pelos que vão surgindo em lugares cada vez mais indesejados. É uma adolescência tardia, ou uma adolescência pelo avesso que Ricardo tenta frear, como num outro tempo estourava as espinhas da cara ou respondia aos seus impulsos com as mãos. Contraindo-se de vergonha cada vez que o mundo lá fora intervém, seja alguém batendo na porta ou o telefone tocando, alertando que é preciso parar de uma vez por todas com aquilo e terminar finalmente o banho.

Com Ricardo demorando-se daquela forma, resta a Ana atender o telefone. Abandona a garrafa térmica na mesa do escritório num gesto impensado, deixando um halo escuro na fórmica. O semicírculo pegajoso, ela mais tarde vai tentar limpar com a mesma obstinação com que agora, puxando o aparelho do gancho, tenta desembaraçar o fio do telefone. A pequena jiboia se enrola em suas mãos e parece querer sufocá-la com a voz do outro lado. A voz que vem mesmo entrecortada por silêncios, com uma vacilação que não precede o abismo de uma desgraça, mas um golpe funesto que irá se revelar após as apresentações e os eufemismos de praxe. A voz que não é a de Guilherme, mas de uma outra pessoa: um mensageiro desconhecido, portador de uma sentença à qual Ana se julga de antemão condenada todas as madrugadas, com os ouvidos apurados

para uma trepidação mínima, capaz de alterar o torvelinho da insônia. A voz que Ana escuta do outro lado da linha no fim de uma tarde cinzenta, e que não diz para ela nada além do óbvio. Estão preparados para o pior, para o clichê do pior, mas não estão preparados para o que de fato acontece e que é o clichê da incerteza. O clichê de Guilherme.

Ricardo conserva o corpo ainda molhado do chuveiro, o calor residual da ducha quente ruborizando o peito e eriçando os pelos que também já começam a ficar grisalhos por ali. Encontra Ana tremendo ao telefone, num sismo que percorre o corpo e tem o epicentro entre o ombro e a mão. O ombro que sustenta debilmente o telefone, esticando o fio até quase desconectá-lo da base. A mão que tenta anotar alguma coisa num pedaço de papel com uma caligrafia escassa, quase tão falha quanto a tinta da caneta ou a própria voz de Ana esmaecida entre a sequência dos números que lhe são ditados.

Ricardo quer interrompê-la. Tomar o telefone da mão e pedir que falem diretamente com ele. Que seja qual for a notícia, poupem a mulher de um fardo que vai torturá-la pelo resto da vida que Deus talvez ainda tenha o destempero de lhe dar. Mas permanece ali imóvel, com a toalha na cintura, admirado por Ana ter perdido ainda mais a cor, mas não ainda o equilíbrio. Sua mulher se mantém de pé nesta forma tão frágil, tão débil, repentinamente presa ao fio do telefone. Está prestes a desabar assim que largar o aparelho, como um títere, uma boneca desconjuntada tão logo as mãos que a manipulam soltam as cordas às quais está presa.

“Desapareceu”, diz a voz do outro lado da linha. “Eu estou dizendo que ele sumiu”, repete alguém que ligou não para dar notícias do filho, mas para saber o que aconteceu. “Alguma informação... algum e-mail ou celular, afinal vocês são os pais...”. E os pais naturalmente sabem dos filhos. Mesmo que neste caso se trate tanto de um filho quanto de um problema. Uma questão que se arrasta em suas vidas e da qual eles não têm notícias há vários meses. “Três meses”, a voz do outro lado estima. O limite legal do despejo está se aproximando e o dono do apartamento de Guilherme precisa saber afinal quem vai pagar o aluguel atrasado, todo esse tempo já. “Um apartamento de dois quartos nesta região não pode ficar assim dando sopa”, ele diz e confirma. “Sim, dois quartos.” Dois quartos que Guilherme dividia com um casal de amigos que Ana, a princípio, não tem ideia de quem são. “Mas se mudou há muito tempo já, o casal”, diz o locador e Ana enfim se lembra de que o filho havia

tocado, sim, no nome daqueles amigos, uma vez. Mas nunca dissera que continuavam a morar juntos ou mesmo que dividia apartamento atualmente com mais alguém. “Ele segurou a vaga e disse que ia tentar arranjar mais uma pessoa pra dividir o aluguel”, diz o dono do apartamento. “Foi visto pela última vez por um vizinho saindo com uma mochila nas costas, como fazia todos os dias, e não voltou desde então. Eu até achei que podia ter viajado praí pro Nordeste e voltaria depois das férias, mas nunca mais apareceu.”

E é neste momento que a voz de Ana também some do outro lado da linha, o silêncio da mãe materializando ainda mais concretamente o sumiço do filho. A gravidade não escapa ao entendimento daquele homem que ligou de longe. Que tinha o contato deles num formulário padrão de locação com o campo *Telefone de Emergência* preenchido. Ele entende que esta talvez seja uma emergência real. Que talvez haja naquele problema alguma sombra perene, algum fantasma que pode ser maior do que o vulto fugidio dos três meses de aluguel atrasados, que os pais afinal podem muito bem pagar com um simples depósito.

“Claro que vamos pagar”, Ana gagueja, ainda incapaz de pedir desculpas. De resolver as questões práticas que o locador agora hesita em levantar de imediato, num tom severo de cobrança, já testado em outros casos. Nunca se deparou com um caso tão específico como este, e se obriga a desistir da tática, a assumir um novo tom mais pertinente. É um tom de infortúnio não muito destoante do daquela mãe. Um tom solene e apropriado para a situação, que é mais respeitosa e circunspecto que genuinamente preocupado. Que enfim revela a verdadeira natureza daquela ligação que percorre quase três mil quilômetros de cabos de fibra ótica se embaraçando e se esticando até os ouvidos de Ana.

Aquela mãe, sim, tem agora um grande problema nas mãos. Está desesperada, sem notícias do filho. Lidando com um caso de polícia, talvez. Que Deus os livrasse daquele problema, mas ninguém some assim numa cidade como São Paulo. Ninguém desaparece assim em São Paulo, sem que alguma coisa grave tenha acontecido.

O homem dita o número do telefone e pede que Ana ligue para ele numa outra hora. “Com a cabeça mais fria”, ele diz e desliga o telefone. Ana então repete tudo a Ricardo.

“Sumiu”, explica ao marido. “Desapareceu de novo.”

E só então Ricardo vira as costas para a mulher e esbraveja.

“Melhor que dessa vez tenha sido homem pra acabar de uma vez com a própria vida”, Ricardo diz, e Ana avança cravando unhas de onça em suas costas. E ele se desvencilha da mulher enquanto ela ainda berra, e fecha a porta antes que Ana entre no quarto e volte a preenchê-lo com aquele berro. E é em meio ao silêncio que Ricardo veste a cueca e abotoa as calças, e escolhe a camisa, e sai de casa ainda sem compreender a verdadeira pena à qual ele também está condenado. Uma pena que um homem que deixou o número do seu telefone agora os condenou, porque foi preciso um estranho entrar na jaula em que ele e a mulher estão confinados como animais, em noites de insônia, para enfim se darem conta de que o espaço naquela casa era pequeno demais sem Guilherme, impossível permanecerem por mais tempo ali trancados, esperando que o outro filho os liberte. Alguma coisa tem que ser feita diante daquele drama que acontece de novo, mas que desta vez acontece muito longe, e pode ter um desfecho bem diferente das outras.

Guilherme os deixou como há exatos cinco anos os deixava, é certo, mas desta vez poderia ainda demorar muito ou nunca mais voltar a acontecer — aquele fatídico dia em que teriam de volta a certeza da existência do filho porque ele reapareceria, numa carta ou num telefonema ou mesmo em pessoa, arrependido.

Guilherme, o filho perdido que abandonou a casa dos pais.

Guilherme, o filho que agora só voltaria em sonho para garantir que foi embora para sempre.

2.

GUILHERME TINHA APENAS SEIS ANOS quando descobriu que desaparecer podia ser uma brincadeira interessante. Escondeu-se no quintal, numa clareira aberta entre os troncos das bananeiras, e ficou ali tentando identificar os ruídos que chegavam do interior da casa. Era fascinante imaginar a vida que as pessoas levavam sem que ele estivesse por perto para acompanhá-la. Ouvia de longe o barulho das panelas e imaginava a mãe na cozinha, preparando o almoço. Ouvia de longe o barulho da televisão e imaginava o irmão na sala, assistindo ao desenho animado. Era quase possível adivinhar os gestos, enxergar o que cada um estava fazendo enquanto ele escutava, os ouvidos atentos a cada fragmento sonoro que captava com a mão em concha, formando uma nova orelha ao redor da primeira.

Mais fascinante ainda era comprovar que ali, sozinho, ele, Guilherme, também podia ter uma vida completamente dissociada do cotidiano da mãe e do irmão. Uma existência à parte, à qual eles não teriam acesso a não ser que Guilherme quisesse e se manifestasse. Ali, encolhido entre os troncos das bananeiras, Guilherme permaneceu por quase meia hora sem chamar por ninguém. Rapidamente constatou que não queria mesmo ser encontrado. Mas logo concluiu que, ainda que não fosse achado, não se importaria se, em sua ausência, alguém desse por sua falta e começasse a procurá-lo.

Isso demorou a acontecer. Quando Ana chamou por Guilherme, as primeiras letras daquele nome escrito nos troncos das bananeiras já escureciam, nas marcas que o menino fazia com o fundo quebrado de uma garrafa desenterrada do centro da clareira. Ver a planta sangrar seu nome do caule, até a raiz, era a única distração que Guilherme tinha em seu exílio. Não havia mais nada para fazer naquela casa. A mãe o chamava, o pai não demoraria muito a chegar do trabalho, e a fome já era maior que o desejo de resistir ao cheiro da comida, um aroma que Guilherme sentia se espalhar pelo quintal como os anéis internos de um dos troncos derrubados da bananeira.

Correu até a mesa e imediatamente foi repreendido por Ana. Não por ter deixado Gustavo sozinho na sala ou porque demorou a aparecer,

mas porque sua camisa ostentava o desenho de três grandes nódoas de bananeira que não largariam nem com querosene.

Um ano depois daquela primeira vez, Guilherme já estava mais experimentado na arte de se tornar invisível. O quintal era um refúgio cheio de limitações. Havia, para além de seus muros, toda uma cidade e seus desafios. E, desta vez, Guilherme não iria sucumbir aos riscos da monotonia ou da fome. Fugiu com a mochila da escola cheia de brinquedos e de potes de iogurte que encontrou na geladeira. Saiu novamente sem ser visto pela mãe e pelo irmão.

Na rua, por mais que tentasse se esconder com as mãos dentro dos bolsos, a cabeça enfiada na gola levantada da camisa e os olhos fixos no caminho que pretendia seguir, sempre era abordado por alguém que o conhecia e que perguntava pelos pais. A cidade de Moreno era ainda pacata, de cadeiras na frente das casas e gente velha contando os carros e somando os números das placas, rindo à toa quando algum motorista se esquecia de frear e o veículo se desmanchava em algum quebra-molas.

Guilherme se aferrou em sua timidez e não respondeu a ninguém. Tentou desviar do caminho, dando voltas no quarteirão do banco a fim de despistar os bisbilhoteiros. Mas cada vez que virava a esquina encontrava alguém que sabia quem ele era, era inevitável. Nada poderia impedir que o rastreassem quando fosse enfim procurado.

Pulou a cerca do campo de aviação e o arame lhe arranhou a perna, abrindo um buraco de meio centímetro no calção. Se a mãe se incomodava tanto com as manchas de bananeira que apareciam nas roupas, que diria de um rasgão daquele tamanho? Embrenhou-se na área das plantações, buscando abrigo entre os pés de amora preta que começavam a florescer. Ainda não tinha um pingão de fome, então sacou da mochila os bonecos do He-Man e perfilou-os na sua retaguarda, ganhando proteção junto a uma das amoreiras que estava mais cheia. Pendurou a mochila num dos galhos e ficou observando o campo, vigiando a trilha que conduzia a uma pista de pouso há muito desativada, às margens do terreno da universidade em que o pai, professor, começara a trabalhar.

As pessoas utilizavam aquela pista para caminhar e aprender a dirigir. Eventualmente alguém parava no meio da trilha e colhia alguns frutos. Guilherme fechava os olhos nessas horas. Suspendia a respiração e tentava não se mexer. Os arbustos tinham mais ou menos a sua altura, o que lhe permitia vez ou outra levantar e esticar as pernas. O arranhão

da perna sangrava um pouco, nada que o preocupasse. Quando bateu a fome, tomou um a um todos os iogurtes, mergulhando as amoras azedas que ia retirando do pé. Esquecera de trazer uma colher, e os dedos ficaram lambuzados do iogurte e da terra onde apoiava a mão para se sentar. Começou a ter asco daquela mistura preta e rosa que lhe grudava nas unhas. Começou a sentir o peso da solidão.

Voltou para casa já escurecendo, os moradores guardando as cadeiras de volta no terraço e fechando o ferrolho das janelas. Então a cidade começava no seu quarto e terminava no campo de aviação. Era somente um quintal maior, com cercas de arame farpado em vez de muros de concreto. Se havia algo além daqueles dois pontos, só pretendia saber depois que pudesse lavar as mãos e fazer alguma refeição decente.

Chegou em casa quase na hora do jantar. Ouvia a voz alterada do pai e hesitou antes de abrir a porta. Cobriu o buraco do calção com a mochila e entrou com os ombros curvados, preparando-se desde já para as represálias. Ricardo e Ana estavam no meio de outra briga violenta. Gustavo acuava-se no sofá, intimidado pela troca de tapas. Quando Ricardo cruzou com Guilherme na porta, as pernas do menino fraquejaram em vão. A briga não tinha nada a ver com ele, afinal. O pai bateu a porta da frente com força e se foi. Mãe e filhos comeram em silêncio na mesa, sem a presença dele, e o castigo que Guilherme recebeu, quando Ana descobriu o rasgão e a perna arranhada, foi levar a lancheira vazia por uma semana para a escola. Não restaram mais potes de iogurte na geladeira.

Nas viagens com a família para João Pessoa, Guilherme desaparecia na praia, em parques, nos shoppings... Nem sempre por diversão ou por ousadia, às vezes por simples distração da parte dele ou dos pais. Diferente de Gustavo, era em geral uma criança obediente, temerosa, acanhada e dependente, mas se calhava de soltar a mão de Ana para olhar uma vitrine por mais de meio minuto, era fácil perdê-lo de vista para encontrá-lo pouco depois, diante de outra vitrine, o nariz encostado no vidro olhando para dentro da loja daquele jeito seu, concentrado, tentando esgotar a visão dos objetos à primeira mirada.

Uma única vez foi preciso chamá-lo pelos alto-falantes. Guilherme se sentiu inibido, mas ao mesmo tempo importante: um misto de euforia e de medo, reconhecendo a pronúncia do seu nome entre o burburinho do supermercado. Sabia que, além dele, todos os outros clientes ouviam e agora se perguntavam quem poderia ser aquela criança cujo pai estava

esperando por ela na recepção. Toda a possível diversão acabava ali: seu pai o estava esperando, e dessa vez seria a gota d'água.

Ricardo agradeceu ao funcionário do setor e levou Guilherme ao banheiro, conduzindo-o pelo ombro, exercendo uma pressão em seus ossos inimaginável para quem os visse caminhando ali, pai e filho, entre as gôndolas do supermercado.

No banheiro, longe das vistas dos demais, deu-lhe uma tapa no rosto.

“Se chorar, chore com o nariz colado ao espelho como você gosta de fazer, olhando bem fundo nos próprios olhos pra ver se enxerga onde foi que errou.”

Depois foi até o reservado e mijou ruidosamente.

Guilherme ouvia o barulho da urina caindo feito pedra no fundo do vaso, furando a água e espumando na superfície.

“Agora pare de soluçar feito uma menina”, disse Ricardo ao sair do banheiro, sem lavar as mãos, ainda puxando Guilherme pelo ombro.

Encontraram Ana e Gustavo na seção de calçados, experimentando o novo par de sandálias que precisavam comprar para o caçula, agora que seu pé crescera mais dois números, durante o verão.

Foi a última vez que Guilherme desapareceu na infância.

Todos guardavam poucas memórias desses episódios quinze anos mais tarde, quando Guilherme voltou da capital como um jovem estudante de Direito em férias pelo interior. O futuro bacharel parecia um tanto rebelde para caber no nó de uma gravata. Andava feito um hippie ou um mendigo, carregando *O Processo*, de Kafka, debaixo do braço, e o *Vade Mecum* ainda intacto dentro do plástico, na bagagem. Estava decidido a abandonar o curso e foi o que fez, sumindo do mapa depois de se desentender com o pai. Guilherme era agora tão adulto quanto Ricardo e o pai ameaçou repetir a cena da infância, dando-lhe outro tapa na cara, quando soube da decisão. Era o último tapa que Guilherme jurou jamais receber na vida.

Não voltou para casa tão cedo dessa vez.

A cidade de Moreno era ainda do tamanho de um quintal, mas seus moradores já não colocavam mais as cadeiras para fora e por ali ninguém mais conhecia Guilherme. Ele já sabia exatamente o que havia para além das cercas de arame farpado do campo de aviação. Na última infância, a família mudou-se para Minas Gerais e, na adolescência, voltaram para a Paraíba e Guilherme passou quatro anos vivendo na casa dos tios, na

capital, antes de entrar para a faculdade escolhendo o único curso de Humanas que não fosse incomodar a família.

Os pais e o irmão permaneceram no interior, indo eventualmente visitá-lo nas férias. Morou todo o período da faculdade com colegas, num pensionato perto da universidade. Pensaram que era para lá que voltaria depois de interromper precocemente as férias daquele ano. Meses depois do episódio, porém, a faculdade retomaria as aulas e Guilherme não apareceria para renovar a matrícula. Nem daria qualquer notícia aos seus pais que foram obrigados a avisar a polícia, preocupados com o seu paradeiro e o estado psicológico de alguém que tivera que fazer pequenas tatuagens no braço para cobrir duas suspeitas cicatrizes nos pulsos. Aquela era uma história malcontada, que aparentemente tinha tudo a ver com a decisão dos tios de não mais acolherem o sobrinho em sua casa, depois do ensino médio. O tio Renato sugerira que os pais internassem Guilherme.

“Esse menino só pode ser esquizofrênico”, dissera ao telefone. Mas aquele era só mais um dos muitos alarmes falsos.

Guilherme foi localizado na semana seguinte no Rio Grande do Norte, na praia de Pipa, integrando a comitiva de um grupo de teatro que conheceu na estrada, pegando carona até Natal. Era outra história absurda que Ricardo e Ana só acreditaram ser possível porque estavam falando do filho, e nada que surgisse dali poderia ser considerado uma surpresa. A despeito dos protestos dos pais, não voltaria à faculdade. Deixaria nas mãos deles a decisão do que fazer com os pertences que ficaram em seu quarto, na pensão. As duas caixas com roupas e livros foram deixadas na casa dos tios, onde permaneceram trancadas numa garagem até que todos compreenderam que Guilherme não voltaria mais para buscá-las. Doaram as roupas para a igreja e venderam os livros ao sebo. Era provável que Guilherme tivesse voltado a João Pessoa e se mantido sozinho em algum lugar, juntando dinheiro de formas que ninguém saberia dizer quais eram. Até que soube da mudança definitiva dos pais para perto dele, preocupados com o futuro de Gustavo e os rumos que a vida do outro filho estava tomando.

Fugiu então para São Paulo, que logo se tornaria um outro elo perdido nessa corrente. Por alguma razão, algum magnetismo insensato que só podia escapar à compreensão do pai de Guilherme, São Paulo era exatamente o tipo de cidade que atraía desgarrados como seu filho. Gente

capaz de abandonar o esteio da terra natal e desistir de um projeto de vida em busca de um sonho indefinido até para eles mesmos. Lunáticos, idealistas, *degenerados* — era o tipo de palavra que passava pela cabeça de Ricardo, e que o fazia preferir o filho morto a imaginar o que ele fazia naquela cidade, dono do próprio nariz, ainda que recorresse periodicamente ao socorro financeiro da mãe, como ela mesmo confessou quando pressionada a falar sobre o assunto.

Ana evitava mencionar o nome do filho na mesa porque sabia o efeito que a mera referência a Guilherme produzia em Ricardo. Ela vinha se deprimindo e se tornando cada vez mais refém do Transtorno, um problema pelo qual Gustavo culpava o irmão mais velho, mas também começava a responsabilizar o pai. Todos sabiam que tudo aquilo só seria resolvido quando os dois fizessem as pazes, e Guilherme enfim retornasse ao lar ou pelo menos desse alguma garantia de que estava estabelecido em algum lugar, seguro e a salvo ao menos dos riscos que o mundo — e não apenas ele próprio — representavam à sua vida. Mas as poucas ligações que fazia para a mãe pararam e as recaídas vieram com força, sem que ela entendesse o porquê daquela nova ausência.

Com muita relutância, Ricardo voltou a falar no nome do filho, e cinco anos de silêncio eram enfim rompidos pela pronúncia daquele nome — Guilherme —, e pela constatação final daquele telefonema: sumiu novamente, abandonou agora a si mesmo porque não tinha mais a quem abandonar. Como anos atrás, Ricardo poderia seguir negando Guilherme, mas aguardando secretamente o seu retorno, o cumprimento da parábola ancestral do retorno de um filho nada pródigo, que voltaria buscando o perdão do pai e que talvez, sim, fosse perdoado.

Seria Ricardo capaz de perdoar aquele filho que para ele era como se tivesse morrido e que agora talvez tivesse que encarar o fato de que morreria, realmente? Era uma resposta que Ricardo não estava disposto a dar e que não importava tanto, afinal de contas. Porque ninguém mais podia esperar por uma resposta. Porque agora a parábola se invertia e era Ricardo, o pai, quem teria que buscar o filho. Vivo ou morto, achado ou perdido, onde quer que ele enfim estivesse.

São Paulo, 04 de junho de 2006

Mãe,

Não sei se é mesmo distração ou só o empenho de uma vida inteira tentando negar tudo o que acontece à sua volta. Se ainda não reparou ou prefere não reparar na marca do carimbo impressa no verso, no cabeçalho da carta que indica com todas as letras onde eu estou agora, saiba que o melhor para nós dois é que você finalmente caia em si e se convença de que eu vim mesmo para cá. E vim para ficar. (Ou para não voltar nunca mais, o que no final dá no mesmo.)

Não preciso dizer de novo que só você pode e deve saber onde estou, por enquanto. Prometo escrever com frequência. Sei que ele não dá a mínima atenção para a correspondência e é você quem acaba recebendo até as coisas dele, sempre tão ocupado até para saber quem o procura. Não tenho muito a contar, mas acho necessário que você saiba que pelo menos estou bem, saudável (apesar de meio gripado, como sempre) e em pleno uso de minhas faculdades mentais (apesar do frio que faz aqui, que às vezes é de doer o juízo).

Mentiria se dissesse que a viagem foi fácil. Deixar a casa da gente nunca é. No meu caso, o problema nem chega a ser esse, já que nunca me senti em casa nem aí nem em lugar nenhum do mundo (e você sabe muito bem disso, não devia se magoar). Talvez eu tenha vindo pra cá justamente para descobrir outro lugar em que eu não me sinto em casa, mas essa é uma outra história...

Devo ter herdado o seu medo de altura, o seu medo de voar, o seu medo de tudo. Porque medo era tudo o que eu sentia antes do embarque, e foi esse medo que começou a me dar, lá do alto, a real dimensão da minha vida e das coisas que eu estava deixando para trás. Só vendo João Pessoa de cima foi que me dei conta do quanto a cidade é pequena. Pequena para tantos sonhos e ambições. Pequena para tanta gente como eu que estava naquele avião fingindo calma e tranquilidade, mas enfrentando o mesmo medo e buscando nele a coragem de ir embora pra sempre.

Fora daí a gente não se sente em casa, mas pelo menos fica um pouco mais confortável com o tamanho dos nossos sonhos. Quando a gente chega aqui, descobre que eles (os sonhos) nem são tão grandes assim e que, além do mais, nem têm tanta importância pra ninguém além de nós mesmos. Você é só mais um entre os muitos filhos das mães, netos de avós, bisnetos de bisavós e tataranetos de tataravós que vêm parar aqui, sempre pelos mesmos motivos, seja num pau de arara ou na poltrona estreita de um avião.

Mas todo esse preâmbulo, no fundo, deve ter um sentido muito claro pra você: seu filho já é adulto e capaz de fazer as próprias escolhas. Bem diferente daquele adolescente que um dia vocês acuraram com duas malas quase do tamanho dele e o aviso de que iria estudar fora. Eu ainda me lembro de quando ele disse que ia me mandar pra casa dos tios, sem qualquer preocupação diante do meu medo, sem qualquer disposição de me consultar. Eu pensei em dizer pra ele que finalmente estava me expulsando de casa como tantas vezes ameaçou e, desculpa, mãe, repetir isso de novo, mas aquilo me pareceu de uma violência brutal, e você nem se deu conta.

Lembro, sim, de todos os argumentos que vocês fizeram questão de sublinhar para a decisão. Posso até citá-los de cor, pelo tanto que os repeti e pela certeza que eu tenho de que você também repetiu até aceitá-los, até se convencer e até corroborá-los sozinha, em silêncio. O colégio no interior não era dos melhores. João Pessoa oferecia mais condições. A casa dos meus tios estava lá para dar o suporte. Eu só pensava que ele estava me expulsando de casa, mas não tinha idade nem coragem pra dizer nada.

Não culpe, portanto, nem o tempo nem a mim, que tive a desfaçatez de crescer longe de você, por me tornar a pessoa que sou agora, sem nem avisar. Eu, que fui uma criança velha, e era um adolescente velho antes mesmo de fazer as malas, envelheci ainda mais naquele dia (e repito: você teve parte nisso). Nunca os perdoei por não terem pensado em se mudar junto comigo, por exemplo. Sabia que a transferência dele era perfeitamente possível e, afinal, não foi o que agora aconteceu, quando foi a vez de Gustavo? Tenho a esperança de que só agora você vá entender o que passei naquela época. Porque agora você será obrigada também a deixar sua cidade e quem sabe irá me perdoar por uma decisão que, como aquela, envolvia mais de uma pessoa (perceba que não consigo falar em “família” quando falo da gente; nem de “pai” quando falo dele), uma decisão com a qual quase nenhum de nós estava de acordo e só um acreditava ser a melhor alternativa.

Pois bem, mãe: hoje sou EU quem acredito que partir é a melhor alternativa. Vim pra mais longe, é certo, a possibilidade de visita é mínima, ok, mas, convenhamos, já fazia muito tempo que a coisa era exatamente assim entre a gente. Tomar essa decisão me fez crescer ainda mais. (Fiz as contas aqui e, com o recente acréscimo, devo ter obtido o dobro da minha idade real!). Mas, mãe, foi só descer do avião praquele medo passar e eu me sentir rejuvenescido e corajoso. Um adulto, talvez. Sei que até ele se dar conta de que fui embora ainda estará acreditando que ficarei por aí. De que um dia voltarei a estagiar no escritório dos tios até me tornar sócio, depois abrir o meu próprio escritório, quem sabe, e toda essa fantasia burguesa que ele deve estar construindo também pro Gustavo, coitado, que nem se dá conta de que não está vivendo a própria vida, mas a de vocês.

Vim pra cá e vou ficar por aqui, tentar uma vida que não sei como será, mas que sei que pelo menos será a minha. Afinal, a quem mais eu estava enganando? Se nem a ele eu vinha conseguindo enganar, quem dirá a mim.

Tenho dois amigos que aceitaram me hospedar por aqui num apartamento que alugaram. Diego e Laíza, um casal. A senhora os conhece, embora não se lembre muito bem. Se mudaram depois que ela passou num concurso e são de “boa família”, como vocês gostam de dizer. Depois procuro outro lugar pra ficar, o meu próprio cantinho. Vou ser um pouco chato e me dar o direito de não revelar o restante dos meus planos. Envelheci ainda mais, portanto estou ainda mais chato.

Seu filho chato está na cidade com mais chatos do mundo.

O abraço que não tive tempo de lhe dar e diga para o Gustavo que das brigas dele (as que valem a pena), dessas sim eu sentirei falta.

*Do seu,
Guido.*